



APRESENTAÇÃO

Aprendendo e Ensinando com Filosofias Africanas

Adilbênia Freire Machado
Universidade Rural do Rio de Janeiro

Julvan Moreira de Oliveira
Universidade Federal de Juiz de Fora

Luís Thiago Freire Dantas
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Sandra Haidée Petit
Universidade Federal do Ceará

Pesquisas com base em filosofias africanas atualmente têm um interesse explícito maior que nos anos anteriores, talvez pela apresentação de possibilidades de orientação, traduções de livros, produção de dossiês, sites com muitos textos, podcast, formações de professoras e professores atentos ao tema, etc., tenha possibilitado estudantes se “aventurarem” nessa seara. Ainda é pouco, ainda encontramos interdições, mas como se diz no verso de Dona Ivone Lara “Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho / Mas, eu vim de lá pequenininho/ Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho”, assim chegamos aos poucos, deixando marcas nas universidades que hoje são indelévels.

Dessa maneira, as pesquisas possuem uma variedade de abordagens seja investigando o período clássico ou enfatizando o contemporâneo, seja com linhas pragmáticas, éticas, estéticas, religiosas, políticas, epistemológicas ou educacionais. Cada uma delas afirma as crescentes investigações que mobilizam interesses para estabelecer relações entre humanos e com o próprio mundo. Essas relações, em nosso entender, possuem princípios educativos que, como acontece em várias/os pensadoras/es ocidentais, acontece com as/os africanas/os, de África e da diáspora, que é a preocupação e implicação ao aprofundar questões filosóficas para e na educação. Tais questionamentos, conforme o filósofo camaronês Jean Godefroy-Bidima,



ênfatizam como principais problemáticas a colonização, a identidade, o pertencimento, a oralidade e a escrita, a diáspora, o indivíduo, a pessoa e a comunidade, a raça e a etnia. Cada tema caracteriza-se como urgente e necessário, sempre em articulação com o próprio o contexto.

Nesse sentido, nosso momento requer uma atenção para outras maneiras em que o ser humano se constitui na relação com o mundo e, nisso, orientar-se para um entendimento de formação, ao que parece, em crise com o próprio posicionamento dos seres humanos. Por isso, neste caderno temática há artigos que tratam de outras maneiras para estabelecer uma “formação humana” em consonância com desafios contemporâneos. Esses desafios surgem e exigem diálogos com as principais vertentes e temáticas abordadas no campo filosófico de África, com o desejo de aprofundar em questões de Etnofilosofia (Placide Tempels, John Mbiti, Alexis Kagame), os seus críticos (Paulin Hountondji, Kwasi Wiredu, Marcien Towa), de Afrocentricidade (Molefi Asante, Cheikh Anta Diop, Dubois, Ama Mazama), de Filosofia do Ubuntu (Mogobe Ramose, Bas’Ilele Malomalo), de Filosofia da Sagacidade (Odera Oruka, José Paulino Castiano), de questões políticas (Frantz Fanon, Severino Ngoenha, Achille Mbembe), de gênero (Oyèrónkẹ Oyèwùmí, Ifi Amadiume, Sobonfu Somé), assim como tantas outras questões. Além de reflexões acerca dessas abordagens no pensamento afrodiaspórico no Brasil, contribuindo para fundamentação teórica de estudos e de pesquisas, principalmente aquelas dedicadas às culturas africanas e afro-brasileiras.

Com isso, se podemos elencar uma das maiores dificuldades, ainda presente, da Filosofia no Brasil diz respeito à não preocupação com pensamentos africanos e afro-diaspóricos, preocupação no sentido de adequar tais pensamentos ao paradigma ocidentocêntrico, não percebendo as filosofias desses pensamentos em atribuir outros paradigmas filosóficos. Outro elemento que as filosofias africanas suscitam, seja em África ou na sua diáspora, e é uma dificuldade na filosofia brasileira, é a transdisciplinaridade, o diálogo com os campos da etnologia, da história, da sociologia, dentre outros. Também se apresenta o dilema da filosofia africana no Brasil que é determinar por si mesmo, quais são as linhas, necessárias, legítimas, para fixar o que é um “artigo” em filosofia africana, esquecendo aquilo que Mogobe Ramose (2011, p. 11) denuncia que “Excluir outras filosofias e negar seus estatutos simplesmente por conta de uma definição inerentemente particularista da filosofia como uma disciplina acadêmica significa anular a validade da particularidade como o ponto de partida da filosofia”¹. Por isso, aqui nesse caderno buscamos um diálogo com filósofas/os do continente

¹ RAMOSE, Mogobe. Sobre a legitimidade e o estudo de filosofia africana. **Ensaio Filosófico**. 2011, p. 11.



africano para questionar desde a homogeneização de um tipo de pesquisa sobre essa área até a atribuição de autoridade sobre quem, de fato, detém maior conhecimento e habilidades das filosofias africanas. Em outras, nós concordamos com a pluriversalidade e evocamos as complexidades e desafios ao inseri-la nas nossas escritas.

Por isso, o nosso “suleamento” é a seguinte questão: o que significa ensinar/aprender filosofia desde o horizonte africano? Obviamente, inserimos de antemão a compreensão de que o fazer filosófico diz respeito à nossa humanidade e, nesse sentido, todos nós humanos, da filosofia, da educação, da antropologia, da psicologia, da arte etc., temos o direito de falar sobre nossa condição, enquanto ser humano. Diante desse ponto de vista é possível pensar que cada pesquisador e cada pesquisadora, cada educador e cada educadora, cada professor e cada professora possui um saber filosófico sem o qual não poderia trabalhar, nesse caso específico, e que não pode ser facilmente refletido. Por fim, os estudos apresentados nesse caderno temático contribuem para essa produção, possibilitando interpretações, compreensões e reflexões sobre diferentes sentidos e possibilidades do fazer filosófico a partir de distintas cosmopercepções africanas e afrodiáspóricas.

Desse modo, apresentamos, a seguir, as autorias dos artigos que compõem o dossiê e suas investigações:

Gregório Adélio Mangana abre o dossiê com o artigo **A filosofia Africana e os Sistemas de Conhecimento Endógenos**. No texto encontramos a discussão sobre os sistemas de conhecimento endógenos e filosofia, uma problemática que ocupa grande parte dos debates na contemporaneidade, pois a tradição filosófica africana articula sistemas de conhecimento endógenos em sua filosofia e possibilita a esses conhecimentos uma singularidade à filosofia africana. Por isso, Mangana descreve como estes sistemas estão desaparecendo nas sociedades africanas como resultado de um processo de marginalização, *epistemicídio* e expropriação, por consequência, o autor defende que o ensino de filosofia africana se configura como meio para a sua visibilização, resistência, e sobretudo diálogo com as outras tradições filosóficas.

Em seguida Luís Thiago Freire Dantas traz o seguinte artigo que se apresenta como um grande questionamento: **África no ensino de filosofia: um problema?** Uma pergunta que envolve os desafios na inserção de África e seus protagonistas no currículo filosófico. Assim, há uma elaboração de um ensino radical de filosofia para lidar com o cenário do novo ensino médio. Vale dizer que, essa radicalidade é importante por basear-se na racialização de quaisquer temáticas filosóficas com o intuito de repensar a atividade de fazer filosofia como dependente de um currículo ocidentocêntrico. Como proposição desse ato de repensar o fazer filosófico, o



autor trata no artigo do cosmograma kongo e de letras do grupo Opanijé como meio para ratificar a possibilidade de um ensino radical de filosofia

Na sequência Adilbênia Freire Machado traz **Pedagogias da ancestralidade: perspectivas para ensino de filosofias africanas no Brasil**, um texto que em diálogo com saberes ancestrais femininos estabelece uma educação afrorreferenciada, plural, diversa, inclusiva, antirracista e com objetivo de transformar o educar e o conhecimento. Tais como tessituras delineadas por poéticas de encantamento das filosofias africanas, pois se pautam na implicação com a potencialização da vida, a escuta sensível e a ética do cuidado. Assim, há uma proposta de uma pedagogia da ancestralidade que como fio tece a teia Ananseana de transformação e criação de outros mundos possíveis, contribuindo com a implementação da Lei. 10.639 / 2003, desde / com vozes femininas e ancestrais.

Rosa Mechiço traz o artigo intitulado **Fazer Filosófico em Moçambique: Conveniência, Impasses e Desafios**, no qual apresenta a filosofia em Moçambique como uma “moça jovem” tendo passado por momentos de acolhimento, rejeição, padecimento e de quase morte. Todavia, atualmente se encontra em uma fase fértil e de avanço, com uma atenção, interesse e disponibilidade para o pensar, o diálogo e a reflexão. Com isso, o caminho da filosofia depara-se com a carência de pesquisa e de debates em torno da sua ensinabilidade, e a deficiência na produção literária moçambicana compõe o maior desafio para se tornar um espaço de confluência de diferentes ideias científicas, que à primeira vista parecem díspares e habitualmente tidos como não-relacionáveis.

Julvan Moreira de Oliveira e Kelly de Lima Farias apresentam o artigo **O pensar em África: o ensino de uma disciplina como guia ofertada a neófitos em filosofia africana**. O autor e a autora discutem a experiência do ensino de filosofia africana a partir de uma disciplina ofertada num curso de pós-graduação em educação de uma universidade no interior do estado de Minas Gerais, cursada por discentes que particularmente não tiveram acesso aos pensadores africanos em sua formação superior e básica. Nesse espaço, a disciplina introduz as principais vertentes do pensamento africano contemporâneo e a percepção de duas discentes sobre a contribuição desta para as suas práticas docentes e pesquisas, ainda mais com a contribuição dos conteúdos divididos em três momentos, a afrocentricidade, a filosofia do ubuntu e da sagacidade, para a prática docente e embasando as referências teóricas das discentes em suas pesquisas

Aline Matos da Rocha apresenta o artigo **Oyèrónké Oyèwùmí: em defesa do oxunismo**, com base na conferência “Desaprendendo lições da colonialidade: escavando



saberes subjugados e epistemologias marginalizadas”, proferida pela filósofa iorubá Oyèrónké Oyěwùmí no encerramento do Seminário Internacional “Decolonialidade e Perspectiva Negra” da Universidade de Brasília (UnB). Nessa conferência, Oyěwùmí apresenta o conceito de oxunismo e nos leva a questionar: É possível falar de sociedade sem mãe/iyá? É possível defender a sociedade sem Oxum? Essas perguntas denotam a presença da cosmologia em instituições socioculturais iorubás, nas quais Oxum é iyá primordial, sênior hon(orí)fica e divindade mais antiga e mais velha não apenas relativamente à idade, mas por ser mãe da humanidade. Portanto, o que nos faz pensar no papel de Oxum procriadora, sobre o seu saber/poder como fundadora da sociedade humana, e seu espelhar nas filosofias africanas e seu ensino.

Gisele da Cruz Siqueira Costa apresenta suas **Confluências epistemológicas: oxum como odu para epistemologias afro-referenciadas** sobre o processo de encontro dos conhecimentos afrodiaspóricos com a estrutura acadêmica, principalmente quando eles se inserem a partir da entrada de pessoas negras pesquisadoras nesse espaço físico e epistemológico. A autora realizou um levantamento bibliográfico que transitou por autores afrocêntricos, decoloniais e contra coloniais, sempre com a presença de Oxum como conceito suleador e caminho metodológico confluyente a partir da metodologia dos Odus. O resultado de tais reflexões apontaram para um lugar de protagonismo do epistemicídio na manutenção das dinâmicas coloniais no campo da produção científica, bem como um grande potencial das epistemologias afrodiaspóricas como possibilidade de resistência coletiva neste campo.

Thiago Santana traz o artigo **De África ao Brasil: saberes afrodiaspóricos sobre quilombo e família**, que tem como objetivo analisar a influência da filosofia africana na família na sociedade atual, destacando especialmente seu impacto nas comunidades quilombolas. O autor apresenta uma compreensão mais profunda dessa conexão e sua relevância por meio da construção familiar do povo negro durante o período da escravidão no Brasil. Com isso, ele á examina de forma mais abrangente as contribuições dessas noções de família para nossa sociedade contemporânea, pois mostra a importância dos ensinamentos africanos, muitas vezes negligenciados pelas ciências sociais no Brasil, como exercícios de influência notável em várias facetas de nossas relações e orientações para a construção de nossa sociedade. Essa influência é revelada de maneira marcante em nossa concepção de família extensa, tal como definida pelo direito de família, e também desempenha um papel fundamental na formação, preservação e continuidade das comunidades quilombolas em nosso país.



Livia Torquato Ventura Canuto, Nanny Zuluaga Henao, Roberta Dos Santos Gregório Neves e Selmara De Castro Balbino trazem **Afrocentricidade: Bases Teórico-Epistemológicas Africanas e Afro-Diaspóricas para Repensar a Educação Brasileira**, um texto fruto das vivências das autoras na disciplina *Filosofias Africanas e Afrodiaspóricas* cursada em um Programa de Pós-Graduação em Educação. Esse relato também discute como intelectuais africanos e afro-diaspóricos para destacar bases teóricas, principalmente, do pensamento filosófico da *Afrocentricidade*. Desse modo, as autoras ressaltam como a contribuição de intelectuais afrocentrados pode ser um caminho para novas pedagogias que proporcionem uma mudança curricular na formação de professores. Portanto, uma compreensão de que a *Afrocentricidade* é um dos caminhos para disputar por novas epistemes que nos direcione para uma educação mais equânime num futuro próximo.

Diogo Pereira Matos, Geovane Lopes de Oliveira e Juliana Quadros Paiva trazem suas **Reflexões em torno da filosofia Ubuntu como ferramenta na construção de uma educação antirracista** uma reflexão sobre as possibilidades de construção de uma educação antirracista construída a partir da filosofia *ubuntu*. Dessa forma, o pretendido é apresentar como a inserção dos conteúdos da filosofia *ubuntu* no processo de formação do estudante viabiliza o exercício do pensar a partir de outros paradigmas filosóficos como forma de superação da educação eurocentrada e construção de uma educação antirracista. Para isso considera-se a potência da ontologia e epistemologia desta filosofia para o processo de construção de um sujeito consciente da importância de sua ancestralidade e da insuperável conexão com o outro, visto necessariamente como um semelhante.

Raul Ié, Priscila da Silva Lima, Taynan Mayara de Oliveira Lino e Gicele Aparecida da Silva Brittes apresentam **Filosofia da sagacidade: contribuições para o ensino da filosofia e discussão da questão étnico-racial**, que tem por objetivo analisar a filosofia da sagacidade e sua contribuição para o ensino e discussão da questão étnico-racial. A filosofia da sagacidade não envolve meramente costumes, cosmovisões gerais, mitos e contos populares, mas diante da posição que os europeus adotaram sobre a África como um continente repleto de seres incapazes de refletir em termos filosóficos, a filosofia da sagacidade torna-se um dos instrumentos de resistência das filosofias africanas. Ainda mais se afirma através dela o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas, contribuindo para um ambiente menos hostil ao ensino sobre África.

Jussara Alves da Silva apresenta suas reflexões no artigo **Filosofias africanas na formação docente** com o intuito de apresentar contribuições das filosofias africanas em um curso de formação docente sobre educação para as relações étnico-raciais no município de Juiz



de Fora, Minas Gerais. Por isso, a autora discute os desafios e a viabilidade dessa abordagem na busca por um reconectar com formas de aprender e ensinar ancestrais fundamentadas em práticas pedagógicas formativas alicerçadas na afrocentricidade, ubuntu e filosofia da sagacidade. Isso implica reflexões que podem fornecer subsídios para diferentes pesquisas e metodologias que exploram o papel das filosofias africanas na formação docente.

Em sua totalidade, encontramos doze artigos com temáticas diversas de filosofias africanas e suas múltiplas formas de ensino, representando perspectivas oriundas do continente africano e do nosso país. Com isso, esperamos que as produções aqui apresentadas contribuam para a ampliação e aprofundamento dessa discussão no país, território notadamente marcado pela presença de ricas expressividades de matriz africana, cuja densidade filosófica ainda temos muito por aprender. Também desejamos que tais produções tragam contribuições para o desenvolvimento e a ampliação das discussões filosóficas africanas no próprio continente.

Concluimos essa apresentação com um poema denúncia da grande pensadora moçambicana Paulina Chiziane:

Afirma-te²

Paulina Chiziane

I

A liberdade veio da luta e do sangue
Nunca foi dádiva. Alcança-se, perde-se, eclipsa-se
É fugaz como a gota de água na palma da mão
Aprende a segurá-la. A amá-la. A conquistá-la

Conheça as suas manhãs e os seus pontos de fuga
Persiga-a, proteja-a se queres ser um homem livre
Os teus adversários lançarão sobre ti vultos e fantasmas
Para reduzir e até eliminar a tua força de combate

Afasta-se das tagarelices do mundo sobre a tua raça

² CHIZIANE, Paulina. **O canto dos escravizados**. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.



São para te assustar, cegar e não encontrares o caminho
Aprende do outro mas age como queres, como pensas
Os adversários sentirão a tua firmeza e respeitar-te-ão

Os filhos dos antigos opressores julgam-te um ser menor
Com julgamentos maus colocam aridez na tua mente
Mostra a tua dignidade e livra os ouvidos das palavras más
E verás como irão corrigir a sua maneira de ver o mundo

II

Quantas vezes não vacilamos por causa das falas do mundo?
Quando sentires medo, respira fundo e recobra a coragem
Desde para dentro de ti e procura as razões da tua luta
Deixa a liberdade guiar o teu espírito até o coração do infinito